

De “vossa mercê” a “cê”: os processos de uma mudança em curso

Edenize Ponzo Peres*

Resumo:

Este trabalho apresenta alguns aspectos relacionados à mudança que se verificou na forma de tratamento “Vossa Mercê”. De forma cortês para o tratamento ao rei de Portugal, nos séculos XIV e XV, essa expressão foi-se popularizando e, ao mesmo tempo, perdendo substância fonética, dando origem ao pronome “você” e às formas “ocê” e “cê”. Por sua vez, a distribuição sintática das três formas mostra-se irregular, ou seja, cê é mais freqüente como sujeito, ao passo que você e cê são mais freqüentes nas funções de objeto de verbo e de objeto de preposição. Entretanto, embora com pouquíssima freqüência, a forma cê começa a aparecer nestes dois últimos ambientes, o que pode indicar uma expansão de seu uso. Assim, neste trabalho será apresentada a hipótese de espraiamento da forma inovadora cê para outros contextos, antes exclusivos das outras duas formas, e serão discutidos os aspectos lingüísticos e extralingüísticos envolvidos nessa mudança.

Palavras-chave: mudança lingüística, pronomes de tratamento.

ABSTRACT:

This paper presents aspects related to the change that the “Vossa Mercê” form has been through. This expression was first used in the XIV and XV centuries when people had to talk to the Portuguese King. As time passed by, it not only became popular, but if lost its phonetic charge giving birth to the pronoun “você” and to its variants “ocê” e “cê”. It is interesting to notice that these three forms have an irregular syntactic distribution: “cê” is more frequently used as a subject, whereas você and cê seem to function as objects of verbs and prepositions. However, not very often, the same has occurred with “cê”, what may indicate an increase in its use. To sum up, this work presents a hypothesis of enlargement of the innovative use of “cê” in other contexts, which were particularly used in the other two forms. It also discusses linguistic and extra linguistic aspects related to this change

Keywords: linguistic change, pronoun

Introdução

Este trabalho tem por objetivo delinear a trajetória da forma de tratamento Vossa Mercê até os dias atuais, descrevendo a relação entre os aspectos lingüísticos e extralingüísticos envolvidos nessa mudança.

Para a análise atual das formas você, ocê e cê, utilizaram-se 1453 dados obtidos através de entrevistas sociolingüísticas com 47 belo-horizontinos, divididos em gênero (masculino e feminino), duas classes sociais (média e baixa) e cinco faixas etárias (de 08 a 11, de 12 a 15, de 16 a 30, de 31 a 47 e acima de 47 anos). Além desses fatores extralingüísticos, na pesquisa foram analisados seis fatores lingüísticos que poderiam exercer influência quanto ao uso das três formas:

* Professora Doutora de Departamento de Letras da Universidade Federal do Espírito Santo

a função sintática que exercem nas orações, se recebem foco ou ênfase, o tipo de referência – definida ou indefinida – que expressam, o tipo de oração em que as formas aparecem, sua posição em relação ao verbo – contíguas ou não-contíguas, e se elas podem ou não vir topicalizadas na oração.

Os resultados, que aparecem em Peres (2006), mostram que, atualmente, a forma *cê* é a mais utilizada pelos belo-horizontinos, vindo, em segundo lugar, *ocê* e, em terceiro, com poucas ocorrências, a forma *você*. Esses dados podem ser mais bem visualizados na Tabela 1, abaixo, extraída de Peres (2006, p. 117).

TABELA 1
Total de ocorrências de *você*, *ocê* e *cê*

Formas	Ocorrências	%
Você	342	23,5
ocê	56	3,9
Cê	1055	72,6
Total	1453	100

Entretanto, a forma inovadora *cê* não tem uma distribuição sintática uniforme: nas funções de objeto de verbo (objeto direto) e de objeto de preposição (objeto indireto), sua ocorrência é ínfima. A Tabela 2, abaixo, adaptada de Peres (2006, p. 119) apresenta esses resultados.

TABELA 2
Distribuição de *você*, *ocê* e *cê*, conforme a Função Sintática

FUNÇÃO SINTÁTICA	VOCÊ		OCÊ		CÊ		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Sujeito</i>	312	22,4	35	2,5	1049	75,1	1396	96,1
<i>Objeto de verbo</i>	04	33,3	05	41,7	03	25,0	12	0,8
<i>Objeto de preposição</i>	26	57,8	16	35,5	03	6,7	45	3,1
TOTAL	342	23,5	56	3,9	1055	72,6	1453	100

As frases em que a forma *cê* aparece exercendo essas funções são:

a) Objeto de verbo:

(E 117) Eu vou matar *cê*, fdp!

(E 142) Dinheiro sujo te leva *cê* à morte.

(E 614) *Cê* vai assistir o futebol *cê*... nego te arrasta *cê* lá dentro.

b) Objeto de preposição:

(E 182) ... guardar aquilo ali p'*cê*, dentro de si.

(E 683) Eu vou com *cê*.

(E 734) Xô [Deixe eu] perguntar p'*cê*.

Neste trabalho, será feita uma breve exposição do fator lingüístico “função sintática” e dos fatores extralingüísticos que incidem sobre os resultados acima. Entretanto, inicialmente, será feita uma explanação sobre as formas de tratamento desde o latim até seu uso atualmente em Portugal e no Brasil.

1 As formas de tratamento do latim ao português antigo

No latim, para as formas de tratamento, havia os pronomes tu – para um tratamento informal a um único interlocutor – e o uos (vós), usado em dois casos: (i) para a referência direta a mais de um interlocutor e (ii) para o tratamento respeitoso a um único interlocutor.

Ao lado dessas formas, no latim também se usava a forma indireta de referência, pela qual se expressavam as qualidades morais e o status social do ouvinte. Assim, os imperadores romanos não eram tratados simplesmente por uos, mas sim por Uestra Maiestas¹⁷, com o verbo na terceira pessoa do singular, destacando-se sua importância naquela sociedade.

Por outro lado, em Portugal, no início, a situação era diferente. Nos primeiros tempos da monarquia, o rei mal se distinguia dos outros nobres, já que seu poder não era suficientemente forte para destacá-lo, e os riscos das guerras contra um inimigo comum e a familiaridade imposta pela vida militar aproximavam-no de seus vassallos. É a partir do século XIII que o rei começa a distinguir-se das outras classes e somente no século XV ele consegue eliminar qualquer autoridade contrária à sua.

Nesse início – século XIII –, o soberano era tratado por vós. Entretanto, aos poucos, outras formas de tratamento foram surgindo, e o pronome vós foi lentamente sendo substituído pelas formas “Vossa + Nome”. As formas de tratamento com essa estrutura, como Vossa Mercê, por exemplo, foram introduzidas na língua portuguesa no século XIV e, especialmente, no XV. Cintra (1972, p. 18) afirma que a expressão Vossa Mercê aparece pela primeira vez nas Actas das Cortes, em 1331, pronunciada principalmente por castelhanos para dirigir-se a seu rei ou ao rei de Portugal.

Não há um consenso, porém, sobre esse dado. De acordo com Luz (1956, p. 300; 359), a expressão aparece duas vezes nas cortes de 1331, mas é provável que já existisse antes dessa época. Segundo Cintra (1972, p. 17), até o século XIV, “notamos antes de mais nada a total ausência de tratamento de tipo nominal”. No entanto, Faraco (1996, p. 60) afirma que, em textos de Fernão Lopes, sobre o período de 1357 a 1433, os aristocratas já se tratavam por Vossa Mercê. Por outro lado, Ali (1976, p. 93) e Nascentes (1956, p. 115) afirmam que, no século XIV, Vossa Mercê ainda não se havia cristalizado como expressão pronominal.

Se não há um total consenso com relação à data do surgimento de Vossa Mercê, alguns autores, como Faraco (1996, p. 58) e Cintra (1972, p. 19), concordam

¹⁷ Faraco (1996, p. 58) cita ainda Uestra Serenitas, Claritudo, Excellentia e Alternitas, como formas de tratamento ao imperador.

com o fato de que a forma foi importada do castelhano *Vuestra Merced* e era usada para a referência ao rei. De acordo com Lopes (2003, p. 1-2), o tratamento com *merced* já podia ser encontrado em textos espanhóis do século XIII, tendo surgido, assim como em Portugal, em virtude da decadência do uso de *vós* como tratamento de cortesia.

Desse modo, assim como no Império Romano o imperador era nomeado indiretamente, tomando-se por base sua importância dentro da sociedade, em Portugal, igualmente, o tratamento ao monarca era indireto, fazendo-se referência a sua generosidade e a seu poder de conceder favores, graças, proteção, justiça etc.

Esse tratamento diferenciado para o rei se justificava socialmente. A partir do século XII, Portugal e outros países da Europa começaram a sofrer profundas transformações econômicas, políticas e sociais. O crescimento das atividades artesanais e comerciais nas cidades originou o fortalecimento da burguesia, que começou a ter, a partir de 1254, representantes nas Cortes, assim como a nobreza e o clero (FARACO, 1996, p. 55-6).

A ascensão da burguesia e o conseqüente enfraquecimento da nobreza feudal – juntamente com o fato de Portugal transformar-se numa grande potência mundial, graças às grandes descobertas e ao comércio marítimo – originaram fortes mudanças na vida social e cultural da Corte e, principalmente, transformaram o rei numa figura única. Houve, assim, a necessidade de se destacar essa importância, o que fez com que o tratamento dispensado ao rei fosse também único. Portanto, *vós* já não era suficiente para nomeá-lo, surgindo então as formas nominais de tratamento.

No início, era *Vossa Mercê* a forma mais usual para alguém se dirigir a ele, mas logo outras concorrentes a suplantaram: primeiramente *Vossa Senhoria*, vindo depois *Vossa Alteza*¹⁸ e, finalmente, *Vossa Majestade*. Conforme Luz (1956, p. 320), estas três últimas formas evidenciam outras qualidades do rei, “mais conformes com a nova concepção da dignidade real”; por isso substituíram *Vossa Mercê*, por exprimirem melhor sua magnificência.

O declínio de *Vossa Mercê* para o tratamento real deveu-se à expansão de seu uso para outras figuras da aristocracia portuguesa: os filhos do rei, o condestável, duques de alto estado e condes. Posteriormente, passou a ser usado como tratamento para a burguesia, chegando, por fim, a significar um tratamento respeitoso para qualquer português a quem não se poderia tratar por *Vossa Senhoria*, por tu (considerado bastante íntimo) ou por *vós*.¹⁹ Vê-se, assim, como os fatores

¹⁸ De acordo com Luz (1956, p. 324-34), o primeiro exemplo conseguido da forma *Vossa Senhoria* é de 1434; *Vossa Alteza* aparece nas obras de Fernão Lopes (escrivão de D. João I e do infante D. Duarte, que teria nascido em 1380 e morrido em 1460); e o exemplo mais antigo conseguido de *Vossa Majestade* é de 1442.

¹⁹ Nascentes (1956, p. 117) afirma que, no estilo oficial, o tratamento de *Vossa Mercê* perdurou até 1889.

sociais exercem influência sobre a língua. Sendo esta inerente a uma sociedade, seu uso reflete as experiências sociais de uma comunidade, suas crenças e sua estrutura social.

Cintra (1972, p. 25-36) assim descreve a decadência de Vossa Mercê:

A fórmula Vossa Mercê, inicialmente aplicada ao rei e à rainha, foi posteriormente destronada desse cargo – no qual foi substituída por, sucessivamente, Vossa Alteza e Vossa Majestade. O honorífico decadente passou a ser aplicado à nobreza, depois à burguesia, e continuou a descer na escala social, circulando em variantes morfofonológicas tais como vossancê e você, a última emergindo no século XVII, e chegou, principalmente em Portugal, ao extremo de ser percebido como ofensivo em certas camadas da população.

Ao mesmo tempo em que Vossa Mercê baixava na escala social, essa forma, por ser repetida a toda hora e por todo mundo, sofreu transformações fonéticas, como será visto a seguir²⁰.

2 A forma você na língua portuguesa

Em Portugal, à época da colonização do Brasil, a partir do século XVI, o uso tanto de Vossa Mercê quanto de vós pela população das classes mais baixas – de onde saiu a maior parte de nossos colonizadores – estava já em declínio, ao passo que a simplificação fonética de Vossa Mercê estava adiantada, ocorrendo as variantes dessa forma ao lado do pronome tu.

De acordo com Menón (2000), embora não se saiba ao certo que tipo de português era falado aqui no início do período da descoberta, pode-se pensar que essa situação lingüística foi trazida para o Brasil pelos colonizadores. Estes vieram de todas as partes de Portugal, o que deu origem a uma grande diversidade de dialetos convivendo juntos. Entretanto, rapidamente essa diversidade foi neutralizada, tendo o nosso falar perdido alguns dos traços mais marcantes do português lusitano, diferenciando-se deste.

Além disso, essas diferenças lingüísticas entre a metrópole e a colônia tenderiam a aumentar rapidamente, visto que aqui não havia escolas nem imprensa, ficando a educação a cargo apenas dos jesuítas. Assim, como afirma Menón (2000, p. 131),

Sem escolas para impingir normas e corrigir erros, sem imprensa para fixar visualmente padrões empregados na escrita, a língua poderia perfeitamente ter se modificado mais rapidamente que em Portugal no tocante ao uso de vosmecê, sobretudo na grande massa da população.

²⁰ Luz (1956, p. 271) afirma: "... as fórmulas de tratamento cortesês são expressivas, por vezes exageradas, e o valor expressivo das palavras atenua-se rapidamente, pelo uso freqüente que dela se faz."

Segundo essa autora, o uso mais longínquo de você é da década de 1880, em cartas oriundas de Minas Gerais, donde se conclui que, na língua oral, essa forma já existia há muito mais tempo.

A forma você e outros pronomes de tratamento no PB, em textos escritos do século XIX, foram alvo de diversas pesquisas. Os dados de Salles (2001), por exemplo, mostram que, de um total de 595 ocorrências de tratamentos de terceira pessoa, apenas 37 foram de você e três de vosmicê – a variante culta de você –, tendo essas duas formas sido usadas nas relações entre iguais, ou seja, hierarquicamente simétricas.

Outros trabalhos sobre o uso de formas de tratamento em peças teatrais portuguesas (LOPES, 2003), cartas escritas no Brasil²¹ (LOPES e DUARTE, 2004) e peças brasileiras e portuguesas (LOPES e DUARTE, 2003) atestam que o uso das formas de tratamento e dos pronomes obedecia à estrutura social vigente aqui e lá, e ao grau de intimidade existente entre os interlocutores.

Em relação aos pronomes tu e você no Brasil, estas duas formas coexistiram por muito tempo, embora, até o século XIX, houvesse o predomínio de tu. Entretanto, nas décadas de 20 e 30 do século XX, essa coexistência desaparece, predominando o uso quase exclusivo de você. Vê-se, assim, o surpreendente crescimento dessa forma em apenas poucas décadas. Atualmente, a predominância de você com relação a tu, no Brasil, é incontestável. Este último pronome é usado (às vezes com o verbo concordando com a terceira pessoa do singular, como em “Tu fez”, “Tu quis” etc.) principalmente na Região Sul (em Santa Catarina, Rio Grande do Sul e numa minúscula área do Paraná) e em algumas áreas do Nordeste e do Norte do país. Em todo o restante do país, acontece o uso de você.

Situação distinta acontece com o você no português europeu, atualmente. Lá, ainda hoje, tu é o pronome normalmente usado para o tratamento íntimo (CINTRA, 1972, p. 14-5; FARACO, 1996, p. 63-4; MENÓN 1995, p. 95), destinando-se o pronome você ao tratamento de superior para inferior, inclusive de idade, e ao tratamento entre iguais, mas de quem se quer manter uma certa distância (SANTOS, 1985, p. 2).

Uma das diferenças mais marcantes quanto ao uso de você no Brasil e em Portugal é sua conotação negativa lá, ao contrário daqui. Oliveira (1996, p. 132), em seu estudo sobre a avaliação das formas de tratamento por estudantes da Universidade de Évora, verificou que os informantes valorizam mais o tratamento “o vizinho/a vizinha” que você. Porém, ao que parece, a conotação de você está mudando, em Portugal: seu sentido depreciativo está desaparecendo, e “você aparece adotado como tratamento afectuoso, mais íntimo do que tu” (CINTRA, 1972, p. 40-1).

²¹ A amostra é constituída de cartas de Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro e Bahia, escritas nos séculos XVIII e XIX.

3 As formas *ocê* e *cê* na língua portuguesa

São poucos os autores que fazem referência ao uso das formas *ocê* e *cê*. Dentre eles, no português do Brasil, Nascentes atestou a existência de *ocê* em Minas Gerais e em Goiás, fazendo uma rápida menção à existência da forma *cê*: "Aparece numa frase típica do linguajar da malandragem. Quando um malandro se lembra de ameaçar outro, este responde *Cê* é besta. Existe em Goiás" (1956, p. 119).

Se a forma *cê* é registrada como sendo de uso da "malandragem", pode-se deduzir que, em 1956, o uso de *cê* – na zona urbana, pelo menos, – não era usual como é atualmente. Por outro lado, Amaral (1976) e Salles (2001) citam *ocê* e *cê* como variantes de *Vossa Mercê* já em 1920. E, como afirma Salles (op. cit.), se em 1920 a forma *cê* foi atestada, pressupõe-se que ela já existisse no século XIX.

Paredes Silva (1998) atesta que, em 1990, na cidade do Rio de Janeiro, a forma *cê* já suplantava *ocê* e a forma zero, ou seja, o sujeito nulo: enquanto *cê* representava 38% do total de ocorrências de seu corpus, na função sujeito, *ocê* representava 32% e zero, 30% (p.128).

Outros estudos também atuais atestam que *ocê* é bastante usado na região de São Francisco, Minas Gerais, (COELHO, 1999) e que a forma *cê* suplanta *ocê* em Belo Horizonte e Ouro Preto (RAMOS, 1997 e 2000, respectivamente). Os dados de Peres (2006), conforme se viu na Tabela 1, acima, corroboram os encontrados por Ramos: a ocorrência da forma *cê*, em Belo Horizonte, na língua falada, é bastante superior a *ocê*, em todas as faixas etárias analisadas, sendo que o número de ocorrências de *ocê* é muito pequeno.

Por outro lado, a Tabela 2 mostra fatos curiosos a respeito da forma *cê*: um deles é a sua ausência – ou quase – em contextos em que *ocê* e *ocê* ocorrem normalmente na língua falada em Belo Horizonte. Um outro fato interessante é a presença quase nula da forma *cê* na língua portuguesa falada em outros países que não seja o Brasil, como se pode perceber pelo "descaso" com que ela é tratada por grande parte dos autores que estudaram as formas de tratamento na língua portuguesa. Uma razão para a pouca ocorrência de *cê* fora do Brasil pode ser o fato de o pronome *ocê* ser menos usado que *tu*, pois, sabe-se que a frequência de uso tende a favorecer a redução dos vocábulos.

4 A evolução de *Vossa Mercê*

A forma de tratamento *Vossa Mercê* substituiu o pronome de tratamento *vós*, empregado em sinal de distinção à figura real ou a algum membro da nobreza. Já no século XVIII, o uso de *vós* para a referência a um único interlocutor cai em desuso e praticamente desaparece no fim do século XIX (LOPES, 2003, p. 12). Com relação à forma *Vossa Mercê*, esta surge na primeira fase do século XVIII, sofrendo um declínio acentuado a partir do fim desse século.

Mas a anterior generalização do uso de Vossa Mercê trouxe o aumento da frequência dessa expressão, o que, de acordo com os estudos de Fidelholtz (1975), Phillips (1984 e 2001) e Bybee (2001 e 2003), gera mudanças sonoras. No caso específico de Vossa Mercê, por ser uma expressão um pouco longa, acabou sofrendo uma simplificação fonética resultante da redução de segmentos e sílabas átonas, originando diversas variantes. Nascentes (1956, p. 119-121) aponta dezoito registros de formas simplificadas de Vossa Mercê, além de você, podendo haver mais:

Cê, mecê, mincê, ocê, oncê, sucê, suncê, vacê, vainicê, vancê, vansmincê, vassuncê, voncê, vosmecê, vossemecê, vosmincê, vossuncê, ucê.

Apesar de algumas dessas formas ainda existirem, especialmente nos dialetos rurais do Brasil (AMARAL, 1976; ALI, 1976; COELHO, 1999) e de Portugal (OLIVEIRA, 1996; COOK, 1997), foi a forma você que se fixou na língua portuguesa, transformando-se em pronome de tratamento. O primeiro registro da forma você aparece em texto do Padre Francisco Manuel de Melo, publicado em 1644 (RAMOS e OLIVEIRA, 2002)²², e vai aos poucos ganhando espaço. Atualmente, a forma você é usada na maior parte do país.

5 Os fatores lingüísticos e extralingüísticos envolvidos na mudança

Finda essa exposição, será analisado, agora, o processo lingüístico que envolve a mudança dessas formas. Uma mudança não é um fato isolado, mas ocorre dentro de um contexto lingüístico e social, e a mudança de Vossa Mercê para você não é diferente. Cabe, então, correlacionar as origens dessa mudança a esses contextos, a fim de analisá-la mais amplamente.

Primeiramente, pode-se dizer que a mudança lingüística originou-se de mudanças sociais, as quais influenciaram o uso de Vossa Mercê. Como aponta Lopes (2003, p. 20):

... a gramaticalização²³ de Vossa Mercê>você não foi um processo isolado, mas uma conseqüência de uma mudança encaixada lingüística e socialmente. Há uma emergência gradativa de formas nominais de tratamento que passam a substituir o tratamento cortês vós, a partir do século XV em português, num primeiro momento pela ascensão da nobreza e mais tarde da burguesia, que exigia tratamento diferenciado. Essa propagação, que começa de cima para baixo, se dissemina pela comunidade como um todo e as formas perdem sua concepção semântica inicial, gramaticalizando-se – algumas de forma mais acelerada que outras, como é o caso de Vossa Mercê>vosmecê>você.

²² Faraco (1996, p. 63) cita uma outra data para o surgimento de **você**: 1666.

²³ Gramaticalização é um processo de mudança lingüística em que uma palavra isolada vai perdendo **status**, transformando-se, cada vez mais, em um elemento preso, dependente de outra palavra. As etapas da gramaticalização são: item com significado lexical > item gramatical > clítico > afixo flexional.

Uma consequência extremamente importante do processo de gramaticalização de Vossa Mercê > você é o rearranjo da estrutura da língua, especialmente de seu sistema pronominal, como aponta Lopes (2003). Em primeiro lugar, você entrou na língua portuguesa na sua forma plural, no lugar de vós, que caiu em desuso. Porém, por se haver originado de uma forma nominal – Vossa Mercê –, que fazia a concordância com a 3ª pessoa, você também passa a ter esse comportamento, mesclando a 2ª pessoa com a 3ª. O resultado desse quadro é que, numa língua de sujeito nulo, como era o PB, formas como "amava", "partia" etc. serviam tanto à primeira pessoa quanto à segunda. Portanto, para desfazer essa ambigüidade, o falante sentiu a necessidade de explicitar o sujeito de suas frases, levando o PB a tornar-se uma língua de sujeito pleno.

Em segundo lugar, essa combinação da 2ª pessoa com a 3ª alterou o uso dos possessivos e dos pronomes-complemento. Assim, ao lado de teu(s)/tua(s), encontramos seu(s)/sua(s) e de você(s), e ao lado de te encontramos lhe, muitas vezes na mesma frase, como atestam cartas escritas no Brasil no século XIX (cf. LOPES e DUARTE, 2003, p. 10-11). Uma consequência direta deste último fato é que a forma dele passou a ser cada vez mais usada, para se evitar a ambigüidade gerada pelo possessivo seu, agora correspondente tanto à 2ª. pessoa quanto à 3ª.

Em terceiro lugar, essa "mistura" entre a 2ª. e 3ª. pessoas atingiu o imperativo, tornando possíveis frases como esta: "**Vem** pra Caixa **você** também", veiculada na imprensa (cf. FARACO, 1996, p. 78)²⁴.

Por último, o PB adquiriu uma ordem mais rígida na sentença, o que representa um aspecto interessante do processo de gramaticalização de Vossa Mercê para você(s): esta última forma apresenta um comportamento sintático diferente de sua forma desenvolvida: enquanto Vossa Mercê apresentava maior mobilidade na frase, a forma você(s) começou a ocupar posições mais fixas na sentença, especificamente exercendo a função de sujeito pré-verbal (LOPES, 2003, p.19).²⁵ Uma outra característica desse processo de mudança da forma você é que, de expressar unicamente referência definida, ela passa a expressar também a referência indefinida.

O processo de gramaticalização pelo qual passou você, que o transformou em pronome, e a crescente obrigatoriedade do preenchimento do sujeito culminaram no aumento do uso da forma você, e essa freqüência levou-a a continuar seu processo de redução fonética, originando a forma cê.

Alguns trabalhos já realizados sobre a variação de uso de você, ocê e cê constataram que, ao contrário da forma você, a forma cê somente ocorria como sujeito pré-verbal e contíguo à unidade ao verbo, não aparecia recebendo ênfase

²⁴ Em Faraco (1996), há uma discussão sobre as consequências da entrada da forma você na língua portuguesa, especialmente no tocante ao imperativo. Consulte-se principalmente a 4ª seção, p. 65.

²⁵ Conforme aponta Lopes (2003a, p. 12), baseando-se em Hopper (1991), nos processos de gramaticalização, uma forma não substitui a outra imediatamente; durante um período de tempo, as duas convivem juntas na língua.

etc. Sendo estas as características lingüísticas dos clíticos, o fato de a forma *cê* apresentá-las levou alguns autores a lançarem a hipótese de que essa forma estaria continuando o processo de gramaticalização iniciado pela forma nominal *Vossa Mercê*: *cê* estaria tornando-se um clítico, sendo talvez, por ora, um pronome fraco.

Essa hipótese é justificável, tendo em vista os resultados dos corpora analisados por esses autores. Mas, por outro lado, outros dados, obtidos por meio de outros corpora, demonstram que *cê*, mesmo timidamente, aparece em contextos onde clíticos não apareceriam. Os dados de Peres (2006) e os de Coelho (1999), analisados por ela própria e por Barbosa (2005), demonstram que, embora seja pouco comum, *cê* exerce a função de objeto de verbo e de preposição, além de poder vir muito distante do verbo e receber foco ou ênfase. Então, como analisar o comportamento de *cê*? As poucas ocorrências dessa forma nessas situações seriam expressões pronunciadas por equívoco, saídas ao acaso?

Em primeiro lugar, é preciso lembrar que as mudanças lingüísticas propriamente ditas – chamadas *from below*, segundo Labov (1994) – ocorrem exatamente desse modo, ou seja, abaixo do nível de consciência dos falantes. Imagina-se, então, que os processos de mudança se iniciem dessa maneira, com esse tipo de inovações por parte dos que os iniciam.

Também é importante ter-se em mente que, no princípio, toda mudança é lenta. Assim, o processo que, em seu início, restringe a atuação de uma forma a determinados contextos, aos poucos permite o espraiamento de seu uso. Isso aconteceu com a forma *ocê*: inicialmente restrita à função de sujeito pré-verbal, foi aos poucos ampliando sua atuação para outros contextos. O mesmo sucedeu com os pronomes “eu” e “ele” (cf. Barbosa, 2005, p. 53) e “you”, no inglês (cf. Nevalainen, 2000, p. 262): no início, exerciam somente a função de sujeito, passando depois a exercer outras funções.

Há ainda um outro ponto a ser discutido sobre o comportamento da forma *cê*. Vê-se que os contextos em que ela é mais desfavorecida são aqueles em que exerce as funções de objeto de verbo e de objeto de preposição e em que recebe foco. E esses contextos têm um ponto em comum: são pouco freqüentes, com uma pequeníssima porcentagem de ocorrência, ou seja, são marcados. Omena (2003, p. 70) observa que os fatores não-marcados favorecem as mudanças, ao passo que os marcados tendem a restringi-las. Pode-se, então, aqui, estipular uma hipótese análoga: contextos marcados tendem a frear as mudanças, como já apontaram alguns estudos sobre mudança lingüística. Portanto, pode-se pensar que a focalização e as funções sintáticas de objeto de verbo e de preposição, por serem marcadas, retardam a atuação da forma inovadora *cê*, mesmo ela já sendo a grande preferida da comunidade de Belo Horizonte, com mais de 70% do total das ocorrências.

Com relação a isso, é importante observar novamente o que diz Trudgill

(1988, p. 44-5), a respeito da expansão de uso das formas inovadoras, como é o caso de *cê*: estas, tendo alcançado quase o fim da mudança, quando chegam perto dos 100% de uso na fala espontânea, continuam a se expandir para outros contextos mais formais.

Assim, voltando aos poucos casos de uso de *cê* pelos informantes nesses contextos marcados, ou seja, pouco comuns, está claro que não se pode afirmar com certeza que eles sejam um princípio de mudança. Como apontam Hopper e Traugott (1993, p. 95): "... there is nothing deterministic about grammaticalization and unidirectionality. Changes do not have to occur." (grifo nosso). Além disso, uma mudança, para acontecer, passa pela avaliação da comunidade. E, conforme estes autores apontam, no início, toda mudança é estranha; assim, os falantes podem rejeitar certas inovações. É a comunidade que determina o avanço ou o bloqueio das mudanças linguísticas.

Entretanto, o aumento – mesmo muito modesto – das ocorrências de *cê* nesses ambientes e, também, esse uso sendo encontrado nas interações linguísticas cotidianas, tanto em Belo Horizonte quanto em algumas cidades do Espírito Santo, como Vitória, Vila Velha e Cachoeiro de Itapemirim, podem indicar uma melhor avaliação e uma maior aceitação dos falantes para esse uso, indicando, assim, igualmente, um início de mudança, em que *cê* avança – lentamente, é verdade – para outros contextos, antes de uso exclusivo de *você* e *ocê*.

6 Conclusão

Em resumo, os dados encontrados em diversos estudos sociolingüísticos para as formas *você*, *ocê* e *cê* indicam que esta última está implementada, na comunidade de Belo Horizonte, sendo usada preferencialmente na função de sujeito, e que apresentou um avanço bastante pequeno nas funções de objeto de verbo e de preposição. Esse resultado sugere que pode haver uma continuação do processo de mudança originado em *Vossa Mercê*, sendo que *cê* pode estar seguindo a mesma trajetória pela qual passou o pronome *você*, ou seja, o uso de *cê* pode estar começando a expandir-se para outros contextos linguísticos, antes exclusivos da forma padrão.

Com isso, vê-se que uma mudança na língua está diretamente relacionada à vida social da comunidade e ao uso que ela faz da língua e da forma inovadora - como sua avaliação com respeito a essa forma e a frequência de uso -, e não apenas aos fatores linguísticos - como as restrições fonológicas e morfosintáticas às mudanças.

Referências

- ALI, Said M. **Investigações filológicas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: Hucitec, 1976.
- BARBOSA, Lilliane P. Estatuto da forma cê: clítico ou palavra? 2005. 137f. **Dissertação de Mestrado**. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.
- BYBEE, Joan. Main clauses are innovative, subordinate clauses are conservative: consequences for the nature of constructions. In: BYBEE, J.; NOONAN, M. (Eds). **Complex sentences in grammar discourse: essays in honor of Sandra A. Thompson**. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 1-17.
- _____. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: RICHARD, Janda; BRIAN, Joseph (Ed.) **Handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-23.
- CINTRA, Luís F. Lindley. **Sobre Formas de Tratamento na língua portuguesa**: ensaios. Lisboa: Horizonte, 1972.
- COELHO, Maria do Socorro V. Uma abordagem variacionista do uso de formas de tratamento no norte de Minas. 1999. 85 f. **Dissertação de Mestrado**. Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 1999.
- COOK, Manuela. **Uma teoria de interpretação das formas de tratamento na língua portuguesa**. Hispania, n. 80, p. 451-464, set. 1997.
- FARACO, Carlos Alberto. O tratamento você em português; uma abordagem histórica. In: **Fragmenta**, Curitiba: Ed. da UFPR, n. 13, p. 51-82, 1996.
- FIDELHOTZ, James. Word frequency and vowel reduction in English. **Linguistic Society**. Chicago. V. 11, p. 200-213.
- HOPPER, Paul; TRAUOGOTT, Elizabeth. **Grammaticalization**. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1993.
- LABOV, William. **Principles of linguistic change; internal factors**. Cambridge: Blackwell, 1994.
- LOPES, Célia R. S. **O quadro dos pronomes pessoais**. Rio de Janeiro, manuscrito. 2002.
- _____. Vossa Mercê > você e Vuestra Merced > Usted: o percurso evolutivo ibérico. **Linguística**. ALFAL, v. 14, 2003a.
- LOPES, Célia R. S. e DUARTE, M. Eugênia L. De Vossa Mercê a você: análise da

pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. In: BRANDÃO, Silvia F. & MOTA, M. Antónia (Org.). **Análise contrastiva de variedades do Português**: primeiros estudos. RJ: In-fólio, 2003, p. 61-76.

_____. Notícias sobre o tratamento em cartas escritas no Brasil dos séculos XVIII e XIX. Comunicação apresentada no V Seminário do PHPB. Ouro Preto, UFOP/UFMG, 2004.

LUZ, Marilina dos Santos. Fórmulas de tratamento do português. **Revista Portuguesa de Filologia**. Coimbra, v. II. T. I, II, p. 256-363, 1956.

MENÓN, Odete P. S. O sistema pronominal do português do Brasil. **Letras**, Curitiba: Ed. da UFPR, n. 44, p. 91-106, 1995.

_____. Pronome de segunda pessoa no sul do Brasil: tu/você/o senhor em Vinhas da Ira. In: **Letras de Hoje**. Porto Alegre/RS, v. 35, n.1, p. 121-164, mar. 2000.

NASCENTES, Antenor. O tratamento de "você" no Brasil. In: **Letras**. Curitiba/PR: Ed. UFPR, v.6, n.05, p. 114-122, 1956.

NEVALAINEN, Terttu. Mobility, social network and language change in Early Modern England. In: **European Journal of English Studies**. Swets & Zeitlinger, v. 4, n. 3, p. 253-264, 2000.

OLIVEIRA, Sândi M. de. Contribuição para um estudo comparativo de formas de tratamento em Espanha e Portugal. **Actas del Congreso Internacional Luso-Español de Lengua y Cultura en la Frontera**. Cáceres: Universidad de Extremadura, 1996, p. 123-139.

OMENA, Melize Pires de. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia L. (Org.) **Mudança lingüística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003, p. 63-80.

PERES, Edenize Ponzo. O uso de "você", "ocê" e "cê" em Belo Horizonte; **um estudo em tempo aparente e em tempo real**. 235 f. **Tese (Doutorado em Lingüística)** – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

PHILLIPS, Betty. Word frequency and the actuation of sound change. **Language**, v. 60, n. 2, p. 320-342, 1984.

_____. Lexical diffusion, lexical frequency and lexical analysis. In: **BYBEE, J.; HOPPER, P. Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam: Benjamins, 2001. p.123-136.

RAMOS, Jânia. O uso das formas você, ocê e cê no dialeto mineiro. In: **DA HORA, Demerval (Org.) Diversidade lingüística no Brasil**. João Pessoa, PB: Idéia, 1997,

p. 43-60.

_____. O surgimento de um novo clítico no português brasileiro: análise quantitativa e qualitativa da forma *cê*. In: **GÄRTNER, Eberhard, HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (Ed.). Estudos de sociolingüística brasileira e portuguesa.** Frankfurt am Main: TFM, 2000. p. 181-189.

RAMOS, Jânia & OLIVEIRA, Marilza. Pronomes de segunda pessoa: uma abordagem diacrônica. **Comunicação apresentada na Reunião da ANPOLL**, Gramado, RS, 2002.

SALLES, Miguel. Pronomes de tratamento do interlocutor no português brasileiro: **um estudo de pragmática histórica. 2001. - 246 f. Tese (Doutorado em Lingüística)** – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

SANTOS, Armindo dos. O tratamento por “*você*” e por “*tu*” nas relações de parentesco: o exemplo da Beira Baixa. *Jornal de Letras, Artes e Idéias*. Lisboa: Publicações Projornal, ano V, p. 168, 1985.

TRUDGILL, Peter. Norwich revisited: recent linguistic changes in the English urban dialect. *English World-Wide*. Amsterdam: **John Benjamins**, v. 9, n. 1, p. 33-49, 1988.